



AUMONT, Jacques. *A imagem: ofício de arte e forma*. Tradução de Estela dos Santos Abreu e Cláudio C. Santoro. 16.ed. Campinas: Papirus, 2011. 336 p.

DOI 10.5433/1984-7939.2011v7n10p203

A imagem... 21 anos depois

Image...21 years after

Antônio Augusto Braighi *

Mais de duas décadas se passaram desde a primeira edição de *L'Image*, título em francês da obra de Jacques Aumont que, no Brasil, por meio da Editora Papirus, já chegou à surpreendente décima sexta edição. Tendo em vista o número de reedições, já se imagina o apelo que o livro exerce junto ao público acadêmico. Mas, de fato, o que ele apresenta de tão instigante para obter tal repercussão?

O título, por si só, demonstra a amplitude da temática. No entanto, o autor faz algumas ressalvas na introdução, ratificando que tratará das imagens visuais – que possuem forma visível – frente à multiplicidade de sentidos que emanam da ideia atrelada à imagem. Assim, articula o estudo em cinco capítulos distintos e complementares, analisando desde as funções do olho, passando pelo papel e lugar do espectador, do dispositivo, até a própria imagem e a conexão que esta estabelece com o mundo real. Por término, dedica toda uma seção para abordar as imagens artísticas como componente nas reflexões finais.

Na primeira seção, é apresentado o funcionamento do olho e de todo o complexo da visão humana, considerando de modo detalhado a dinâmica dos processos de recepção visual, tratando ainda, de modo profundo e didático, da questão da luminosidade e sua influência junto ao aparelho receptivo, no que concerne às perspectivas espaciais, temporais, geométricas e à profundidade.

A temática da percepção de movimentos também recebe atenção do autor, que faz considerações correlacionadas à luz, à compreensão visual da ação pela própria sensação de movimento daquele que vê, entre outras, desaguando na diferença entre movimento real e aparente. Aumont

* Graduado em Comunicação Social – Habilitação Relações Públicas. Especialista em Imagens e Culturas Midiáticas pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Mestrando em Estudos de Linguagens pela CEFET-MG.

leva a discussão então para o campo cinematográfico, onde tece críticas à postura de André Bazin e Jean-Louis Comolli (ainda que em outras seções do livro, enobreça o trabalho desses pesquisadores), em razão de os autores aceitarem a teoria (errônea) de “persistência retiniana” em detrimento do *efeito-phi*, apresentado no livro, para a leitura dos movimentos aparentes.

Em uma terceira parte do capítulo, o autor observa a questão da influência do imaginário no exercício de ver, já encaminhando a discussão para o papel do espectador a ser trabalhado na seção seguinte. Antes, porém, o autor trata da percepção visual de modo ainda mais pontual, evidenciando de modo contumaz a separação entre a teoria Gestalt e o construtivismo nesse processo.

Na segunda seção do livro, dedicada ao papel do espectador, Aumont incita que “a imagem é universal, mas sempre particularizada”; isto é, individualizada na medida em que, ao modo de Gombrich, quando a percebe e a compreende, o espectador a faz existir. Além disso, ratifica-se que o modo de apreensão é também um processo linguístico, influenciado pelo lugar de leitura (recepção) e de produção (constituição) do projeto imagético.

O capítulo compreende uma série de teorias e pensamentos que abordam a relação do espectador com a imagem, tratando muito das perspectivas psicológicas – em remissão ampla à psicanálise, além de discussões de terminologias como reconhecimento e representação, ilusão, realismo, simbolismo, entre outras, assim como os afetos, pulsões e emoções e a dinamicidade desses conceitos na interveniência junto à relação dos sujeitos com as imagens.

A parte do dispositivo é o tema do terceiro capítulo. Nesta seção, Aumont faz abordagem à influência dos mecanismos de produção e disponibilização das imagens, seus suportes e os modos de reprodução/difusão, afetando diretamente nas condições de apreensão pelo espectador. Para o autor, o dispositivo regula a relação entre o *sujeito-que-olha* e a imagem, em razão de um determinado contexto simbólico-

social, e uma carga histórica que origina tanto o arranjo de determinadas produções, quanto o próprio olhar daquele que vê.

Mais uma vez, o autor dedica espaço à relação imagem-tempo, desta feita pensando também no tempo do dispositivo e sua relação direta com o espectador. O capítulo ainda aborda as modalidades plásticas da imagem, as funções da moldura, os (des)enquadramentos e pontos de vista de produção e observação de peças imagéticas, assim como elementos ligados às implicações técnicas, sociológicas, subjetivas e ideológicas presentes nas mais variadas produções e sua expansão possível junto à recepção.

O quarto capítulo é a *parte da imagem*; ainda que esta seja o fio condutor de toda a discussão do livro, o autor dedica uma seção específica para a mesma, indagando seu funcionamento próprio, sobretudo no que concerne ao seu potencial representativo e à relação com a realidade sensível. Para tanto, apresenta uma série de estudos que entendem a imagem enquanto dotada de valores imanentes. Nesta passagem tratará mais a fundo de questões relacionadas à geometria perspectiva, à superfície, profundidade de campo, elementos cenográficos e de encenação, retomando então as discussões sobre as condições espaciais e temporais. Partindo da concepção de que toda imagem exprime uma ideia, trabalha com conceitos como a narratividade, destinando parte deste quarto capítulo à significação, procurando explorar a expressão de sentido existente em cada peça e a necessidade de compreensão/interpretação do espectador.

No quinto capítulo, o autor utiliza as imagens artísticas como objeto e referência para as análises derradeiras de seu livro, quando tratará das especificidades, virtudes e valores destas. Entre outras concepções, questiona o que são as imagens abstratas e sua *pureza*, a plasticidade e a presença da obra de arte – assim como a ideia de aura, o significado e os conceitos relacionados à expressividade das peças, bem como a questão estética e o prazer imagético do espectador, em determinado contexto.

Por fim, Aumont relativiza a ideia de que na contemporaneidade estaríamos diante de uma *civilização da imagem*. Para ele, o fato de

encontrarmo-nos frente a uma proliferação de imagens está diretamente relacionado à perda da força *transcendental* das mesmas, a uma aplicabilidade na duplicação do sensível, e em outras funções, que começaram a assumir na contemporaneidade. Ainda assim, em detrimento de uma sociedade da cultura imagética, o autor prefere indicar que somos muito mais uma *civilização da linguagem*.

Com este trabalho, desenvolvido na década de 90 (é bom que se registre isso), Aumont sumariza e relaciona algumas abordagens, pesquisas e teorias (científicas e empíricas) que dão conta dos conceitos mais atuais relativos à imagem – conforme propõe e, indagamos, à época, consegue efetivamente alcançar. Isto é, sua tendência natural é utilizar muito mais o cinema (área à qual se filia, com dezenas de trabalhos, sob influência de Christian Metz) como objeto, seguido das discussões em que a pintura e a fotografia se fazem presentes.

O leitor sentirá falta de uma abordagem maior à televisão, quando esta for a sua expectativa. Além disso, existem novos espaços da imagem na contemporaneidade que não são tratados no livro, uma vez que emergiram ao longo da década de 90. O autor até incita, ao final do terceiro capítulo, que as abordagens sobre as implicações do vídeo são uma boa área para se trabalhar, devido à escassez de contribuições; mas, 21 anos depois da primeira edição, talvez seu trabalho possa ser também aproveitado para se pensar nas novas técnicas de gravação e exibição de imagens para a televisão, a convergência entre suportes distintos e a coexistência de dispositivos variados, tais como os *ipads*, *ipods*, celulares e toda a gama de possibilidades trazida pela internet, desde que combinado com outras leituras.

Por fim, em busca de uma resposta pontual à pergunta estabelecida no primeiro parágrafo, vale o registro da virtuosidade do autor, em congrega discussões distintas, que vão desde os registros filosóficos aos das ciências biológicas, passando pela psicanálise, estudos sociológicos, discussões técnicas, entre outras, por meio de uma linguagem acessível e, ao passo que ampla, devido à quantidade de tratados expostos, objetiva, na medida em que extrai de cada uma sua singularidade.

De qualquer forma, as abordagens de Jacques Aumont são seminais e importantíssimas para a absorção de conhecimentos fundamentais, de base, por profissionais que têm de lidar com as imagens em suas pesquisas, independentemente do tipo de investida que seja feita e, provavelmente, continuará consistindo em uma das principais referências na área.